

Ecumenismo e diálogo inter-religioso na Revista Adventista em um século de história¹

Kevin Willian KOSSAR FURTADO²
Pós-doutorando

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

Resumo

O presente texto apresenta as definições sobre o ecumenismo e o diálogo inter-religioso da *Revista Adventista*, periódico de perfil teológico-doutrinário-jornalístico oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) no Brasil. Com metodologia de análise baseada em pesquisa documental e exploratória, a investigação das reflexões sobre o ecumenismo e o diálogo inter-religioso parte do acervo digital do periódico, desde sua primeira edição, em 1906, até 2018, através da busca dos termos *ecumênica*, *ecumênico*, *ecumenismo* e *inter-religioso*. Encontramos 31 textos que definiam e/ou continham reflexões sobre os temas em editoriais, artigos de opinião, entrevistas e consultorias publicadas.

Palavras-chave: História da mídia impressa; Revista Adventista; Ecumenismo; Diálogo inter-religioso.

Introdução

A posição da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) sobre o ecumenismo e o diálogo inter-religioso fundamenta-se em sua compreensão de ser Igreja que a coloca como líder do verdadeiro movimento ecumênico. Os adventistas possuem uma declaração sobre a relação entre a Igreja e o movimento ecumênico que nem foi aprovada em sua instância máxima, a Associação Geral. A posição adventista a respeito do ecumenismo (ASSOCIAÇÃO GERAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2012, p. 141-151), se expressa na “abundância de claras indicações” (ASSOCIAÇÃO GERAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2012, p. 141) publicadas em obras adventistas e na *Adventist Review*, congênera da *Revista Adventista* brasileira. Na medida em que não há uma declaração oficial, mas várias indicações, inclusive na principal revista da Igreja de seu país de origem, considera-se que os materiais publicados na *Revista Adventista* que versam sobre o ecumenismo e o diálogo inter-religioso se constituem em reflexões autorizadas da Igreja Adventista no Brasil.

No início do século XX começa a história da imprensa adventista brasileira, com a publicação, em 1904, do primeiro periódico impresso em língua portuguesa da IASD, *O*

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR, email: kevin@aol.com.br.

arauto da verdade – De Benedicto e Borges (2006, p. 8) indicam como ano de surgimento d’*O arauto* 1900. Em 1906 surgiu a então chamada *Revista Trimensal*, atualmente, *Revista Adventista* (SCHEFFEL, 2006, p. 17). O nome *Revista Trimensal* deveria ser, na verdade, *Revista Trimestral*, uma vez que as edições eram publicadas de três em três meses e não três vezes ao mês (DE BENEDICTO; BORGES, 2006, p. 9).

Nos anos 1970, o periódico entrou em sua fase jornalística. Dos editores se cobrava formação superior em Comunicação. Destaca-se do momento a criação da seção *Jornal*, em dezembro de 1974, que publicava notícias “mais ágeis, concisas e objetivas” (SCHEFFEL, 2006, p. 17), visto ser encerrada apenas 15 dias antes da circulação da revista. Antes, os acontecimentos noticiados o eram feitos com, no mínimo, três meses de atraso. Além disso, os editores passaram a se deslocar e, dentro das possibilidades, cobrir os fatos *in loco*. Sobre os principais objetivos da *Revista Adventista*, Scheffel (2006, p. 17) explica que “ela não é uma publicação aberta para o livre debate de [ideias. A revista] tem uma linha de sustentação doutrinária e não pode abrir espaço para suscitar dúvidas e controvérsias. Procura servir a Igreja toda, e não apenas a um segmento.”

A última reforma gráfico-editorial da revista ocorreu em janeiro de 2015. Para além da versão impressa, a publicação conta com um acervo digital³ que abriga, na íntegra, todas as edições do periódico, desde a sua primeira, de 1906. A atualização na biblioteca virtual ocorre por volta de três a quatro meses após a publicação da versão impressa. No expediente das edições de outubro e dezembro de 2018 consta a tiragem de 155.500 exemplares; na de janeiro, 160 mil; nas demais edições do mesmo ano analisadas pela pesquisa (fevereiro, agosto e setembro), 158 mil. Além do acervo *on-line*, a revista possui um site homônimo⁴ que republica materiais das edições impressas.

Metodologia de análise do ecumenismo e diálogo inter-religioso na Revista Adventista

Usa-se de pesquisa documental, modalidade que trabalha com documentos que ainda não receberam tratamento científico, como materiais de revista (OLIVEIRA, 2007); e exploratória, que visa “proporcionar maior familiaridade com [um] problema” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 35). A investigação das reflexões sobre o ecumenismo e o diálogo inter-religioso parte do acervo digital da *Revista Adventista* disponível na internet, através da busca refinada dos termos *ecumênica*, *ecumênico*, *ecumenismo* e *inter-religioso* no período de 1906 a 2018.

³ Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>.

⁴ Disponível em: <<http://www.revistaadventista.com.br/>>.

Foram encontradas 66 entradas para o termo *ecumênica(s)*. O termo *ecumênica* foi usado 60 vezes e *ecumênica(s)* 22 vezes (em 32 artigos de opinião, cinco editoriais, duas notas informativas, oito reportagens, três consultorias doutrinárias, oito entrevistas, duas chamadas de sumário e uma carta do leitor), em 61 fragmentos⁵ da revista.⁶⁷ Foram encontradas 113 entradas para o termo *ecumênico(s)*. O termo *ecumênico* foi usado 151 vezes e *ecumênicos* 31 vezes (em 17 notas informativas, 45 artigos de opinião, seis editoriais, seis reportagens, quatro notícias, cinco entrevistas, um jogo de entretenimento, duas chamadas – uma em um sumário e a outro em um anúncio – e uma consultoria doutrinária), em 87 fragmentos da revista. Foram encontradas 88 entradas para o termo *ecumenismo*. O termo *ecumenismo* foi usado 171 vezes (em seis notas informativas, 36 artigos de opinião, nove reportagens, cinco notícias, cinco chamadas – todas como anúncios, quatro consultorias doutrinárias, oito entrevistas, uma consultoria para jovens, três cartas dos leitores e dois editoriais), em 79 fragmentos da revista.⁸ Foram encontradas 10 entradas para o termo *diálogo inter-religioso*.⁹ O termo *diálogo inter-religioso* foi usado 13 vezes, uma vez grafado *diálogo interreligioso* (em uma reportagem, três artigos de opinião, três notas informativas e uma notícia), em oito fragmentos da revista.¹⁰

Além dos quatro termos aplicados na pesquisa, foram encontradas, em relação ou conjunto a eles, nove entradas para o termo *ecumenista(s)*. O termo *ecumenista* foi usado nove vezes (em três artigos de opinião, duas consultorias doutrinárias, um editorial e uma nota informativa) e *ecumenistas* duas vezes (em um artigo de opinião e em uma consultoria doutrinária), em sete fragmentos da revista.

A análise se concentrou nos materiais que apresentavam os termos *ecumênica(s)*, *ecumênico(s)*, *ecumenismo* e *inter-religioso*. Fora as entrevistas, foram excluídos da análise todos os demais textos do gênero informativo. Do gênero opinativo,¹¹ foram excluídas da análise as cartas dos leitores. Do gênero utilitário,¹² no formato serviço, foi excluída da análise a consultoria para jovens. Além das reflexões e indicações teológicas da Igreja presentes nos formatos listados, em que o ecumenismo e o diálogo inter-religioso formavam

⁵ Em sua maioria, textos, excetuando os casos em que as menções aparecem em chamadas de sumário e em anúncios.

⁶ Encontramos *ecumenical* em uma nota informativa que consideramos na categoria *ecumênica*.

⁷ Encontramos *ecumenicidade* em uma reportagem.

⁸ Foi encontrado *ecumenism* em uma entrevista que consideramos na categoria *ecumenismo*.

⁹ Em duas vezes, encontramos a expressão *diálogo interétnico e inter-religioso* – uma em uma nota informativa e outra em uma notícia, em dois fragmentos da revista – que consideramos na categoria *diálogo inter-religioso*.

¹⁰ Em relação e conjunto com *diálogo inter-religioso*, encontramos uma entrada para *centro inter-religioso* em uma nota informativa e uma entrada para *relações inter-religiosas* em um artigo de opinião.

¹¹ Gênero que abarca, na classificação de Marques de Melo (2009, p. 35), o editorial, o comentário, o artigo, a resenha, a coluna, a caricatura, a carta e a crônica.

¹² Gênero que abarca, na classificação de Marques de Melo (2009, p. 35), o indicador, a cotação, o roteiro e o serviço.

o tema central dos textos, foram considerados os materiais que conceituavam-nos. Os textos que apenas citavam o ecumenismo e o diálogo inter-religioso foram desconsiderados.

Após a exploração de todo o material da *Revista Adventista* que se referia ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso através da busca dos termos *ecumênica(s)*, *ecumênico(s)*, *ecumenismo* e *inter-religioso*, selecionamos 31 textos, de 30 edições, que definiam e/ou continham reflexões teológicas sobre os temas. Nos materiais que não tinham como foco o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, ou nos limitamos na contextualização da discussão do texto, concentrando-se nas referências ao ecumenismo e o diálogo inter-religioso, ou privilegiamos as citações diretas das referências feitas aos temas.

Encontramos e apresentamos, a seguir, o conteúdo dos 13 textos (12 artigos de opinião¹³ e um editorial¹⁴) que tratam o ecumenismo como um dos sinais do fim do mundo; dos cinco textos (artigos de opinião) que indicam o ecumenismo como responsável pela deformação da identidade da Igreja; dos três textos (artigos de opinião) que abordam o significado de unidade para os adventistas; dos três textos (um artigo de opinião, uma consultoria doutrinária e um editorial) que exploram a recusa adventista em se unir ao movimento ecumênico; do texto (artigo de opinião) que critica o envolvimento político e social do movimento; de outro (artigo de opinião) que considera o ecumenismo como uma aliança contra as minorias religiosas; do texto (artigo de opinião) que identifica o ecumenismo com o domínio católico sobre o mundo; do texto (artigo de opinião) que avalia o ecumenismo como falsa união de igrejas e da entrevista que explica a relação dos adventistas com outras organizações cristãs. Sobre o diálogo inter-religioso, apresenta-se o texto (artigo de opinião) que considera-o incompatível com a exclusividade cristã e outro (artigo de opinião) que orienta o diálogo dos adventistas com outras igrejas e religiões.

O ecumenismo na Revista Adventista

O ecumenismo como um dos sinais do fim do mundo

Na edição especial de novembro de 1956,¹⁵ no sermão *Sinais dos últimos dias*, de J. Arthur Buckwalter (1956, p. 5-8), aponta-se o ecumenismo como movimento que infringirá

¹³ “A palavra artigo possui duas significações. O senso comum atribui-lhes o sentido de matéria publicada em jornal ou revista. Qualquer que seja. [...] Outra significação é aquela peculiar às instituições jornalísticas, que identificam o artigo como um gênero específico, uma forma de expressão verbal. Trata-se de uma matéria jornalística onde alguém (jornalista ou não) desenvolve uma [ideia] e apresenta sua opinião.” (MARQUES DE MELO, 1985, p. 92).

¹⁴ “Editorial é o gênero jornalístico que expressa a opinião oficial da [instituição jornalística] diante dos fatos de maior repercussão no momento.” (MARQUES DE MELO, 1985, p. 79).

¹⁵ As edições especiais dos meses de novembro de 1956 e novembro de 1970 são constituídas por sermões indicados para leitura nas semanas de oração. De cunho teológico-doutrinal, por terem estrutura de artigos de opinião, foram

legislações para impor um dia de adoração e perseguirá aqueles que não se adequarem aos seus desmandos e enxerga-se a Igreja católica como um sistema impelido a reconquistar o controle político e religioso do mundo.

Em *A crescente tendência para a união das igrejas*, artigo de opinião de Kenneth H. Wood (WOOD, 1958, p. 6-7) da edição de agosto de 1958, culpa-se o movimento ecumênico por privilegiar a união dos cristãos no que se considera erro. Lembra-se que, por 400 anos, o protestantismo se dividiu e subdividiu, mas, nos últimos 50, a tendência da multiplicação de diferentes grupos cristãos cessou, representando fato “em si mesmo significativo” do fim do mundo (WOOD, 1958, p. 7).

Para Odorino de Souza (SOUZA, 1965, p. 6-7), na edição de setembro de 1965, em *O catolicismo e o protestantismo sul-americano em face do concílio ecumênico*, o Concílio Vaticano II convida as igrejas da América Latina para o diálogo, o contato pessoal e a colaboração. Poucos, no entanto, estariam preparados, visto desconhecer de maneira mais profunda a história e a doutrina católica. Outros estavam entusiasmados com as novas possibilidades de diálogo e a maioria debatia a sinceridade da mudança católica. Os conservadores temiam que uma aproximação enfraquecesse o protestantismo e poucos denunciavam que o concílio elaborou manobras para arruinar as denominações protestantes.

No editorial de novembro de 1965, em *Apalpando o presente e divisando o futuro*, de Naor G. Conrado (CONRADO, 1965, p. 2-3), relacionam-se dois indicadores do fim da história para os adventistas: a restauração do domínio papal e “a ‘nostalgia’ pela união das igrejas e corporações religiosas” (CONRADO, 1965, p. 2). Recorre-se ao editorial de uma “destacada” revista popular, não mencionada, que asseverava que o movimento ecumênico alastrou-se nos 50 anos anteriores de modo a ser conhecido por todo o cristianismo, e também a um artigo de Eugênio Smith, publicado na *Ecumenical Review*, que expressa o receio de vários grupos religiosos de que o ecumenismo subordinasse “a verdade à união” (CONRADO, 1965, p. 2). Sugere-se (CONRADO, p. 2-3) que o posicionamento dos adventistas ante os indícios do fim discutidos no artigo deveria ser de cautela na interpretação dos eventos profetizados na teologia adventista. A adesão ao movimento ecumênico, considerado sem fundamento bíblico, significaria desobediência a Deus.

Em agosto de 1966, no artigo *Doze profecias prestes a se cumprir – I* para o fim do mundo, de Marvin E. Loewen (LOEWEN, 1966, p. 2-4), elenca-se o ecumenismo como uma delas. Já Hugo Wichert (WICHERT, 1968, p. 8-10), no artigo *União das igrejas: o*

considerados para a pesquisa enquanto tais. A edição de outubro de 2012 também contém mensagens para a semana de oração, embora não seja formada exclusivamente por elas.

grande sinal do fim – II parte, da edição de abril de 1968, depois de indicar que o “pretexto” para a origem do ecumenismo protestante foi “a obra missionária” mundial (WICHERT, 1968, p. 8), defende que o ecumenismo contribuiu para a apostasia,¹⁶ na medida em que tornou “o cristianismo nominal mais e mais divorciado das eternas e imperecíveis verdades do evangelho de Cristo” (WICHERT, 1968, p. 9), cumprindo a profecia apocalíptica referente aos últimos dias do mundo.

O artigo *Movimento ecumênico*, de Henrique Berg, publicado em junho de 1982 (BERG, 1982, p. 39-40), reporta as discussões do encontro em Lima, no Peru, de 150 teólogos das igrejas católicas, ortodoxa, calvinista, metodista, episcopal, batista e outras, integrantes da Comissão de Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) – principal entidade ecumênica do mundo –, sobre semelhanças e diferenças doutrinárias das igrejas. Considera-se que a rota traçada pelo “barco ecumênico” (1982, p. 39) demonstraria o cumprimento das profecias do fim do mundo.

Na edição de janeiro de 1992, em *Profecia ou horóscopo?*, de Siegfried J. Schwantes (SCHWANTES, 1992, p. 7-9), apresentam-se as revelações do livro bíblico do Apocalipse, conforme a interpretação da IASD, sobre os acontecimentos do mundo religioso e político do momento. Em um “quadro sombrio que a profecia projeta”, a teologia adventista vê para o futuro uma aliança universal de igrejas objetivando impor uma religião única que perseguirá os dissidentes “enquanto a liberdade religiosa é sacrificada no altar do ecumenismo.” (SCHWANTES, 1992, p. 9).

No artigo *Um dia irrenunciável*, de Marcos De Benedicto (DE BENEDICTO, 1998, p. 32-34), para edição de novembro de 1998, destaca-se que, além da polarização sobre o dia de adoração dos cristãos, se o sábado ou o domingo, o movimento ecumênico aparece entre os fatores políticos, sociais e religiosos destacados na teologia adventista que marcarão o fim dos tempos.

Em *Observações sobre uma assembleia*, artigo de junho de 2006 de Moisés Mattos (MATTOS, 2006, p. 38), avalia-se a IX Assembleia Geral do CMI realizada em Porto Alegre em fevereiro de 2006. Entende-se que o CMI está mais interessado em promover “justiça econômica” do que “descobrir a verdade objetiva de Deus”. A Igreja Adventista acredita que haverá uma união das igrejas que “cumprirá profecias que falam de uma união não saudável entre as crenças sem o amparo dos princípios bíblicos” em uma “confusão doutrinária”. Interpretam-se movimentações pela união das igrejas como o início de uma

¹⁶ Ato de abandonar, renunciar ou renegar uma religião ou fé.

grande aliança que existirá no fim dos tempos que se aliará ao Estado para impor regras e normas contrárias à Bíblia.

No primeiro sermão de Ted N. C. Wilson após sua eleição para presidir a Igreja Adventista mundial, proferido no último dia da 59ª Assembleia da Associação Geral, e transformado no artigo *Avante, sem retroceder*, publicado na edição de agosto de 2010 (WILSON, 2010, p. 16-18), ele reafirma as crenças fundamentais dos adventistas e relaciona “o desenvolvimento do ecumenismo” com outros sinais – catástrofes na natureza, confusão do mundo político, crescimento e influência do espiritualismo, deterioração das economias mundiais, desestruturação dos valores familiares e sociais, rejeição da autoridade bíblica e dos dez mandamentos, criminalidade desenfreada e declínio moral, aumento de guerras e rumores de guerras – que aumentando em frequência e intensidade, indicam o fim dos tempos.

Na edição de outubro de 2012, Wilson (WILSON, 2012, p. 5-7), no sermão intitulado *O reavivamento e a Palavra*, classifica-se o ecumenismo como um dos sinais da volta de Cristo e o faz em relação àqueles descritos em Mateus 24. Oscilações na economia, instabilidade política, doenças devastadoras, calamidades naturais, decadência social e moral, e fim da liberdade religiosa, apontam para o fim.

No artigo *Momento decisivo*, da edição de fevereiro de 2018, o presidente mundial da Igreja Adventista (WILSON, 2018a, p. 32-33) defende que o movimento em favor da união das igrejas evidencia que vivemos em tempos proféticos. As comemorações conjuntas entre luteranos e católicos em torno dos 500 anos da Reforma protestante, reforçam a compreensão adventista de que se presencia o cumprimento profético.

O ecumenismo e a deformação da identidade da Igreja

O artigo *Apocalipse: o assunto do momento*, de José Bessa (BESSA, 1987, p. 40-41), de junho de 1987, reclama dos adventistas que têm se “tornado um tanto ecumênicos” e embarcaram na canoa do ecumenismo (BESSA, 1987, p. 41). Em *Podemos ainda ser considerados o “povo da Bíblia”?*, de Alberto R. Timm (TIMM, 2001, p. 14-16), publicado na edição de junho de 2001, julga-se que, enfrentando os desafios do segundo século de sua existência, a Igreja Adventista, que teve sua identidade alterada a partir da década de 1980, corre o risco de perder seu caráter distintivo em relação aos demais cristãos. Para a teologia adventista, “os apelos ecumênicos e tendências pluralistas” do mundo atual têm inibido

muitas denominações cristãs a tratar de suas diferenças doutrinárias e a “globalização ecumênica” traz prejuízos à identidade dessas igrejas (TIMM, 2001, p. 14).

No artigo *Quando amamos de verdade...* de Wilson Paroschi (PAROSCHI, 2005, p. 8-10) para a edição de janeiro de 2005, discute-se que a Igreja Adventista, nascida sob a motivação da esperança no breve retorno de Cristo, perdeu o senso de urgência e missão em torno desse evento por conta dos “apelos ecumênicos” do presente momento.

Em *Tesouro inesgotável*, artigo de Alberto R. Timm (TIMM, 2015, p. 22-25) de julho de 2015, expressa-se que a estrutura do entendimento teológico-profético adventista “não provê nenhum espaço para compreensões ecumênicas e/ou pluralistas das verdades bíblicas” (TIMM, 2015, p. 24). A teologia ecumênica não teria nenhuma contribuição a dar à teologia adventista.

Em *Passado e futuro*, artigo adaptado de um sermão do presidente da IASD, Ted N. C. Wilson (WILSON, 2018b, p. 22-23), orienta-se que os adventistas se mantenham leais às crenças da denominação historicamente estruturadas ao apontar-se que alguns têm rejeitado a missão que lhes foi confiada por conta de “influências ecumênicas”; Wilson pede que os membros evitem “as concessões do ecumenismo e [permaneçam firmes] à verdade de Deus.” (WILSON, 2018b, p. 23). Identifica-se na mensagem de Wilson que ceder ao ecumenismo representa rejeição da identidade adventista.

O ecumenismo e o significado de unidade para os adventistas

Em uma avaliação do Concílio Vaticano II na edição de novembro de 1966, *II concílio do Vaticano – êxito ou fracasso?*, Bert B. Beach (BEACH, 1966, p. 7-8, 14)¹⁷ considera que os intérpretes protestantes do concílio falharam ao desconsiderar as profecias bíblicas em suas análises e enfatizar a unidade ecumênica promovida no evento. “A maioria deles pareciam ser arrastados pela grande onda ecumênica, e inclinavam-se a encarar todos os eventos do concílio sob o aspecto singular de como cada esquema ou voto poderia aproximar” os católicos dos demais cristãos (BEACH, 1966, p. 7). Embora o Vaticano II tenha aproximado líderes católicos e protestantes e que a unidade cristã seja “um objetivo louvável”, aprecia-se “as virtudes do separatismo cristão” (BEACH, 1966, p. 7).

Em outubro de 1968, o artigo *Uma opinião sobre ecumenismo* de Arnaldo B. Christianini (CHRISTIANINI, 1968, p. 9-10), após argumentar que os adventistas, com base em sua leitura profética, compreendem o propósito do ecumenismo como a

¹⁷ A paginação de alguns editoriais e reportagens não estão em sequência, mas prosseguem ao fim da edição da revista.

“aglutinação das igrejas”, apresenta “o que é o legítimo ecumenismo”, a pregação do evangelho de Jesus a todo o mundo, que o “ecumenismo originalmente designa a semente universal da mensagem de Deus – o evangelho do reino ou evangelho eterno – e não uma federação ou aglutinação de corpos religiosos heterogêneos.” (CHRISTIANINI, 1968, p. 9, grifo suprimido). Para ele, o sentido de ecumenismo teria sido deturpado.

Na edição especial de novembro de 1970, no sermão *A Igreja e sua unidade*, de Kenneth H. Wood (WOOD, 1970, p. 14-17), discorre-se a compreensão adventista de unidade conforme interpretada das Escrituras, que indica “uma unidade muitíssimo superior ao movimento ecumênico institucionalizado, e consideravelmente diferente” (WOOD, 1970, p. 14). Problematiza-se que o ecumenismo representa uma grande confusão, que promove uma unidade deturpada e que o movimento ecumênico defende que não importa no que os diferentes grupos cristãos creem para aderir a ele.

Razões da recusa adventista em se unir ao movimento ecumênico

Em *Por que não nos unimos ao Conselho Mundial de Igrejas?*, artigo de maio de 1970 de Walter B. Beach (BEACH, 1970, p. 8-10), expõe-se as razões da resistência adventista em se aliar a organizações ecumênicas, com a ressalva de que isso “não autoriza a conclusão de que os adventistas do sétimo dia estejam julgando [esses] conselhos e seus dirigentes.” (BEACH, 1970, p. 8). Os adventistas entendem poder realizar a missão divina com mais eficiência ao permanecerem afastados de organismos ecumênicos. A recusa ocorre porque se entende que o movimento ecumênico limitaria a liberdade de crença e a evangelização da Igreja, além de “obliterar as distinções denominacionais” (BEACH, 1970, p. 8). A tendência de organizações ecumênicas de privilegiar a ação social dos cristãos e a compreensão escatológica distinta dos adventistas, formam os outros argumentos da IASD contra a afiliação ecumênica (BEACH, 1970, p. 9-10).

A IASD não vê possibilidade de integrar-se ao movimento em prol da união das igrejas, expõe Mário Veloso na seção *Consultoria doutrinária* da edição de junho de 1984 (VELOSO, 1984, p. 41-42). “Os adventistas nunca se opuseram à verdadeira unidade cristã. Uma unidade baseada na doutrina bíblica e nos ensinamentos de Cristo seria plenamente aceita pelos adventistas. Entendemos, porém, que o movimento ecumênico não é uma união baseada nas doutrinas bíblicas” (VELOSO, 1984, p. 42).

No editorial de agosto de 2018, *A agenda ecumênica: por que os adventistas não adotam o ecumenismo*, Marcos De Benedicto (DE BENEDICTO, 2018, p. 2) explica que a

Igreja Adventista segue uma postura “consciente e coerente” desde seus primórdios e entende que existe um ecumenismo positivo, com pautas que podem ser compartilhadas, e outro negativo, um “ecumenismo ideológico e comprometedor” a ser evitado.

Críticas ao envolvimento político e social do movimento ecumênico

No artigo *A ameaça de uma união de igrejas monolítica* de Teodoro Carcich (CARCICH, 1970, p. 3-5) de dezembro de 1970, critica-se organismos ecumênicos por se envolverem constantemente “em problemas sociais e políticos, que, segundo a nossa opinião, não constituem a principal tarefa da igreja cristã”, pois tendem “a influenciar a legislação que prepara o fundamento (embora isto não seja intencional, mas inevitável em tais circunstâncias) para um [governo] dominado pela igreja.” (CARCICH, 1970, p. 3).

O ecumenismo como aliança contra minorias religiosas

Em um balanço dos atos mais significativos dos primeiros anos do pontificado de Francisco, publicado em março de 2015, o artigo *Dois anos de Francisco* de Vanderlei Dorneles (DORNELES, 2015, p. 30-32) destaca-o como articulador do ecumenismo. Prevê-se que os resultados de um pontificado de Francisco “em termos um vasto ecumenismo” (DORNELES, 2015, p. 32), que inclui ateus e secularizados em um movimento pela paz mundial, “seria uma grande realização”, não existisse o perigo de tal aliança se voltar contra “uma minoria” (DORNELES, 2015, p. 32), como os adventistas.

O ecumenismo como restauração do domínio católico sobre o mundo

Após apresentar as datas de realização das sessões do Concílio Vaticano II, os documentos produzidos e os temas neles abordados, o artigo *Vaticano II – mais de dez anos* de Arnaldo B. Christianini (CHRISTIANINI, 1973, p. 2), para a edição de janeiro de 1973, destaca o que mais interessou aos adventistas no concílio: a “abertura” e o “diálogo” com os protestantes, agora chamados de “irmãos separados”. Considera-se que o ecumenismo avançou rapidamente com o diálogo posto em prática logo após o encerramento do concílio. Com os atos fraternos entre católicos e evangélicos realizados “além dos limites do bom senso”, como os cultos ecumênicos e as celebrações conjuntas, mesmo com a resistência de algumas igrejas, “o namoro ecumênico já está virando noivado, e não demorará o dia das núpcias.” Elas atestariam o progresso da caminhada ecumênica, uma estratégia da Igreja católica para reunir todo o mundo sob seu poder, e representariam o cumprimento de

profecias bíblicas que marcam o fim do mundo. O diálogo e a aproximação se prestariam a diminuir o empenho missionário dos protestantes e tornar irrelevantes as diferenças de crenças das confissões cristãs.

O ecumenismo como falsa união de igrejas

Em *Crítérios de origens divinas*, artigo de Arthur L. White (WHITE, 1974, p. 4-5, 15) publicado em maio de 1974, aponta-se a Bíblia como determinante para identificação do verdadeiro e do falso no tocante às experiências espirituais vividas entre os cristãos, e o papel da fé e das obras para a salvação humana (WHITE, 1974, p. 4). Alerta-se aos adventistas para não se envolverem com o “moderno movimento ecumênico que pretende unir os homens em toda a parte sob o estandarte do amor.” (WHITE, 1974, p. 5). Aponta-se o ecumenismo como falsa união firmada em torno do amor que ignora a responsabilidade dos cristãos para com os mandamentos divinos e as verdades das Escrituras.

Esclarecimentos sobre a relação da Igreja Adventista com outros organismos cristãos

Em entrevista a Marcos De Benedicto (DE BENEDICTO, 2006, p. 6-7), publicada como *Bandeira da liberdade* na edição de maio de 2006, John Graz, que assumiu a liderança do Departamento de Liberdade Religiosa da Associação Geral da Igreja Adventista em 1995 e na mesma época se tornou o secretário geral da Associação Internacional de Liberdade Religiosa (IRLA), analisou a situação da liberdade religiosa no mundo, bem como o trabalho efetuado pela Igreja Adventista. Graz precisou que a IASD atua apenas como observadora nas assembleias do CMI. Sobre o movimento ecumênico, Graz apontou de positivo o contato propiciado entre grupos minoritários como a Igreja Adventista com diversas lideranças religiosas, o que a tornou mais conhecida de outros grupos cristãos. Do desconhecimento e preconceito, frequentemente, os que entram em diálogo com a IASD “mudam sua opinião a nosso respeito e nós passamos a compreendê-los melhor. É importante entender que, num diálogo, cada um mantém sua posição.” (DE BENEDICTO, 2006, p. 7).

O diálogo inter-religioso na Revista Adventista

O diálogo inter-religioso em conflito com a exclusividade cristã

No artigo *Caminho exclusivo*, que trata da crença adventista da singularidade e da exclusividade da salvação em Jesus Cristo e discute o atual pluralismo religioso, de autoria

de Glauber Araújo (ARAÚJO, 2014, p. 8-11), publicado na edição de dezembro de 2014, assevera-se que no diálogo inter-religioso muitos conceitos essenciais do cristianismo, como a atuação de Jesus, a salvação, o pecado, a morte, a vida são “readaptados, reformulados e reinterpretados” (ARAÚJO, 2014, p. 10). Não se considera possível compatibilizar o pluralismo religioso com as afirmações de Jesus de ser o caminho da salvação (Jo 3,16) exclusivo (Jo 3,18), excluindo “qualquer outra forma de salvação.” (ARAÚJO, 2014, p. 11). Levanta-se uma questão que, para Araújo (2014, p. 11), tem sido pouco discutida nos círculos ecumênicos: qual a necessidade de evangelizar se a salvação está disponível por outros caminhos?

Aspectos positivos do relacionamento da IASD com outras igrejas e religiões

O artigo *Construindo o diálogo* da edição de agosto de 2018, de autoria de Ganoune Diop (DIOP, 2018, p. 12-15), diretor do Departamento de Assuntos Públicos e Liberdade Religiosa da Igreja Adventista e secretário-geral da IRLA, escrito em virtude dos 70 anos de fundação do CMI completos em agosto de 2018, discute como os adventistas podem se relacionar com as demais igrejas e as religiões mundiais sem incorrer no “ecumenismo de crenças” (DIOP, 2018, p. 12). Destaca-se que a Igreja Adventista não faz parte do CMI, embora participe de suas reuniões como observadora. Os adventistas admitem existir valores em comum com outras igrejas e religiões que podem servir como pontos de diálogo e parcerias visando melhorar as condições de vida de todos os seres humanos.

Mesmo que caracterizados por um senso de missão e anúncio de uma mensagem que deve atingir a todos os seres humanos, “os adventistas insistem na liberdade de cada indivíduo poder manter suas convicções.” (DIOP, 2018, p. 14). Em sua compreensão de unidade cristã, ecumenismo e diálogo inter-religioso, a Igreja reconhece como legítimo o direito de indivíduos e instituições se unirem para proteger e salvar pessoas e afirmar a sacralidade da vida.

A Igreja Adventista não se alia a grupos ecumênicos organizados por oposição “ao ecumenismo como doutrina ou como meio de fundir igrejas cristãs em uma igreja mundial” (DIOP, 2018, p. 15). Mesmo considerando outros cristãos como verdadeiros irmãos em Cristo, “o princípio que levou a Igreja Adventista a não ser membro de uma união de igrejas organizada foi a liberdade religiosa” (DIOP, 2018, p. 15), que lhe garante o direito de compartilhar suas convicções religiosas e convidar outros a se unirem a ela sem ser acusada

de proselitismo. A maior preocupação dos adventistas está na possibilidade de impedimento de suas atividades evangelísticas.

Considerações finais

As reflexões teológicas manifestas na *Revista Adventista* definem o ecumenismo como um dos sinais do fim do mundo que enfraquece a identidade da Igreja; criticam, a partir da compreensão de unidade e da interpretação bíblico-profética adventista, as formulações de unidade do movimento ecumênico; explicitam as razões adventistas para recusar se unir ao movimento ecumênico organizado; criticam o envolvimento político e social, em detrimento de ações evangelizadoras, das igrejas participantes do movimento ecumênico; demarca o ecumenismo como uma ameaça contra minorias religiosas e uma estratégia da Igreja católica para recuperar sua hegemonia no cristianismo; enquanto falsa união de igrejas que privilegia o amor e ignora a responsabilidade cristã com os mandamentos e verdades escriturísticas; e presta esclarecimentos sobre a relação dos adventistas com outros organismos cristãos, como o CMI. O periódico considera que o diálogo inter-religioso entra em conflito com a exclusividade cristã e aponta aspectos que considera positivos no relacionamento dos adventistas com outras igrejas e religiões.

Apresenta-se, como horizonte para pesquisas futuras, o exame dos materiais encontrados na *Revista Adventista* sobre o ecumenismo e o diálogo inter-religioso na perspectiva da análise de conteúdo ou da análise de discurso, bem como da evolução dos temas ao longo da história do periódico.

Referências

ARAÚJO, Glauber. Caminho exclusivo. **Revista Adventista**, Tatuí, ano 109, n. 1292, p. 8-11, dez. 2014.

ASSOCIAÇÃO GERAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Declarações da Igreja:** aborto, assédio sexual, homossexualismo, clonagem, ecumenismo e outros temas atuais. 3. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

BEACH, Bert B. II concílio do Vaticano – êxito ou fracasso? **Revista Adventista**, Santo André, ano 61, n. 11, p. 7-8, 14, nov. 1966.

BEACH, Walter R. Por que não nos unimos ao Conselho Mundial de Igrejas? **Revista Adventista**, Santo André, ano 65, n. 5, p. 8-10, maio 1970.

BERG, Henrique. Movimento ecumênico. **Revista Adventista**, Santo André, ano 77, n. 6, p. 39-40, jun. 1982.

BESSA, José. Apocalipse: o assunto do momento. **Revista Adventista**, Tatuí, ano 83, n. 6, p. 40-41, jun. 1987.

BUCKWALTER, J. Arthur. Sinais dos últimos dias. **Revista Adventista**, Santo André, ano 51, n. esp., p. 5-8, nov. 1956.

CARCICH, Teodoro. A ameaça de uma união de igrejas monolítica. **Revista Adventista**, Santo André, ano 65, n. 12, p. 3-5, nov. 1970.

CHRISTIANINI, Arnaldo B. Uma opinião sobre ecumenismo. **Revista Adventista**, Santo André, ano 63, n. 10, p. 9-10, out. 1968.

CHRISTIANINI, Arnaldo B. Vaticano II – mais de dez anos. **Revista Adventista**, Santo André, ano 68, n. 1, p. 2, jan. 1973.

CONRADO, Naor G. Apalpando o presente e divisando o futuro. **Revista Adventista**, Santo André, ano 60, n. 11, p. 2-3, nov. 1965.

DE BENEDICTO, Marcos. A agenda ecumênica: por que os adventistas não adotam o ecumenismo. **Revista Adventista**, Tatuí, ano 113, n. 1336, p. 2, ago. 2018.

DE BENEDICTO, Marcos. Bandeira da liberdade. **Revista Adventista**, Tatuí, ano 101, n. 5, p. 6-7, maio 2006.

DE BENEDICTO, Marcos. Um dia irrenunciável. **Revista Adventista**, Tatuí, ano 94, n. 11, p. 32-34, nov. 1998.

DE BENEDICTO, Marcos; BORGES, Michelson. Um século de história. **Revista Adventista**, Tatuí, ano 101, n. 1, p. 8-13, jan. 2006.

DIOP, Ganoune. Construindo o diálogo. **Revista Adventista**, ano 113, n. 1336, p. 12-15, ago. 2018.

DORNELES, Vanderlei. Dois anos de Francisco. **Revista Adventista**, Tatuí, ano 110, n. 1295, p. 30-32, mar. 2015.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

LOEWEN, Marvin E. Doze profecias prestes a se cumprir – I. **Revista Adventista**, Santo André, ano 61, n. 8, p. 2-4, ago. 1966.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

MATTOS, Moisés. Observações sobre uma assembleia. **Revista Adventista**, Tatuí, ano 101, n. 6, p. 38, jun. 2006.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PAROSCHI, Wilson. Quando amamos de verdade... **Revista Adventista**, Tatuí, ano 100, n. 1, p. 8-10, jan. 2005.

SCHEFFEL, Rubem M. A importância da imprensa. **Revista Adventista**, Tatuí, ano 101, n. 1, p. 16-17, jan. 2006.

SCHWANTES, Siegfried J. Profecia ou horóscopo? **Revista Adventista**, Tatuí, ano 88, n. 1, p. 7-9, jan. 1992.

SOUZA, Odorino de. O catolicismo e o protestantismo sul-americano em face do concílio ecumênico. **Revista Adventista**, Santo André, ano 60, n. 9, p. 6-7, set. 1965.

TIMM, Alberto R. Podemos ainda ser considerados o “povo da Bíblia”? **Revista Adventista**, Tatuí, ano 97, n. 6, p. 14-16, jun. 2001.

TIMM, Alberto R. Tesouro inesgotável. **Revista Adventista**, Tatuí, ano 110, n. 1299, p. 22-25, jul. 2015.

VELOSO, Mário. A Igreja Adventista e o ecumenismo. **Revista Adventista**, Santo André, ano 79, n. 6, p. 41-42, jun. 1984.

WHITE, Arthur. Critérios de origens divinas. **Revista Adventista**, Santo André, ano 69, n. 5, p. 4-5, 15, maio 1974.

WICHERT, Hugo. União das igrejas: o grande sinal do fim – II parte. **Revista Adventista**, Santo André, ano 63, n. 4, p. 8-10, abr. 1968.

WILSON, Ted N. C. Avante, sem retroceder. **Revista Adventista**, Tatuí, ano 106, n. 1227, p. 16-18, ago. 2010.

WILSON, Ted N. C. O reavivamento e a Palavra. **Revista Adventista**, Tatuí, ano 107, n. 1253, p. 5-7, out. 2012.

WILSON, Ted N. C. Momento decisivo. **Revista Adventista**, Tatuí, ano 113, n. 1330, p. 32-33, fev. 2018a.

WILSON, Ted N. C. Passado e futuro. **Revista Adventista**, Tatuí, ano 113, n. 1340, p. 22-23, dez. 2018b.

WOOD, Kenneth H. A crescente tendência para a união das igrejas. **Revista Adventista**, Santo André, ano 53, n. 8, p. 6-7, ago. 1958.

WOOD, Kenneth H. A Igreja e sua unidade. **Revista Adventista**, Santo André, ano 65, n. esp., p. 14-17, nov. 1970.